



# ENTRE CURTIR E COMPARTILHAR: UM OLHAR SOBRE A VISIBILIDADE, PRIVACIDADE E SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS<sup>1</sup>

Márcia Aparecida de Cássia<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** Este estudo teve como objetivo investigar as motivações que levam os sujeitos a se inserirem nas redes sociais virtuais e compartilhar parte de sua intimidade. Buscou-se identificar também mudanças na concepção de invasão de privacidade e as possíveis implicações subjetivas desse novo modo de ser e estar na sociedade atual. Para alcançar os objetivos propostos, foram realizadas pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo. Foram entrevistados três usuários que possuíam perfil ativo em redes sociais virtuais, com idade entre 18 e 30 anos, de ambos os sexos e com diferentes níveis de escolaridade. Todos concordaram em participar deste estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram gravadas, transcritas, analisadas e posteriormente categorizadas. A partir do método de análise de conteúdo, foram construídas as seguintes categorias: a rede social virtual como espaço para o laço social e entretenimento pessoal; o limite entre o público e privado; a experiência de visibilidade nas redes virtuais e a subjetividade contemporânea. Os resultados obtidos neste estudo apontam que, mais do que a possibilidade de interação social, os sujeitos inserem-se nas redes sociais virtuais também pela facilidade de compartilhamento da vida pessoal e a possibilidade de estar cada vez mais visível ao outro. Constatou-se que, mesmo que de um modo incipiente, utilizam as configurações de privacidade oferecidas por algumas redes, mas ainda optam por compartilhar sua intimidade nessas. Por fim, é notável que as ferramentas virtuais e o modo como o sujeito faz uso de seu espaço vêm, paulatinamente, promovendo a constituição e modulação de uma subjetividade cada vez mais exteriorizada, que se projeta buscando aceitação e aprovação nas redes virtuais nas quais o sujeito pertence.

**PALAVRAS-CHAVE:** Redes sociais virtuais; Visibilidade; Subjetividade; Contemporaneidade.

---

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade é notável como as tecnologias digitais e, principalmente, as redes sociais virtuais, como por exemplo, o *Facebook* se tornaram parte do cotidiano e da vivência dos sujeitos. Segundo dados de uma pesquisa realizada pelo Ibope, em 2013, só no Brasil o número de usuários ativos nas redes sociais já teria ultrapassado a marca de 46 milhões. Ao inserir-se no ciberespaço o sujeito obteve um novo meio de interação social, mas também passou a publicar e compartilhar cada vez mais aspectos de sua privacidade. Nesse sentido, pensar sobre os possíveis atravessamentos na vivência do sujeito inserido nesses espaços virtuais e os impactos decorrentes do uso desses, tornaram relevante o desenvolvimento deste estudo.

---

<sup>1</sup> Monografia orientada pela profa. Dra. Betânia Diniz Gonçalves.

<sup>2</sup> Psicóloga graduada pela PUC Minas – São Gabriel

A expansão da popularidade das chamadas redes sociais virtuais e a adesão expressiva de diferentes sujeitos mostram-se cada vez mais significativas na sociedade. Esse contexto suscitou o interesse em pesquisar e refletir sobre as motivações que levam o sujeito a inserir-se nas redes sociais virtuais e expor de sua privacidade nessas redes. Além disso, identificar e analisar as possíveis implicações subjetivas desse novo modo de ser na atualidade também justificou o desenvolvimento do presente estudo.

Nos anos iniciais do surgimento da internet a comunicação era segundo Schons e outros (2008), realizada de forma unilateral (emissor-mensagem-receptor), ou seja, ao usuário era permitido somente receber as informações publicadas sendo vetada a expressão e divulgação de seus conteúdos na rede. Entretanto, com os avanços tecnológicos inaugura-se nas redes virtuais novas funcionalidades na qual, ao usuário é dada a possibilidade de criar e compartilhar o próprio conteúdo nesta. Agregados aos avanços na rede virtual, conforme aponta Aguiar (2007) desponta uma nova geração de sites que passaram a ser conhecidos como redes sociais virtuais. Com relação aos aspectos que caracterizam esses sites, Recuero (2009) com base em outros autores evidencia aspectos relevantes e destaca que esses podem ser definidos como:

Aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador. (RECUERO, 2009 p. 102).

Os moldes iniciais desses sites, segundo relata Aguiar (2007) foram lançados em meados de 1990 nos Estados Unidos. Esses estavam vinculados nessa época ao desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. Segundo essa autora, a partir de 2002 outras modalidades desses sites foram criados e com o surgimento de novas demandas abriu-se “espaço para novos serviços do gênero, lançados entre 2003 e 2005, como MySpace, Facebook e Orkut” (AGUIAR, 2007, p. 10).

Segundo autores como Araujo e Rodrigues (2005) e Vicente (2012) com a popularização e evolução da internet e, posteriormente, dos sites de redes sociais, novos processos foram instaurados na sociedade. Seja como um novo meio de acesso à informação ou participação ativa do usuário na divulgação de conteúdos, viu-se diminuir também a distância que, muitas vezes, separava os indivíduos do contato com pessoas fisicamente distantes e demais acontecimentos que ocorrem no mundo. Complementando essa concepção, Santana (2007) descreve que “no que se refere às redes sociais, verifica-se que elas favorecem os intercâmbios sociais,

pois possibilitam aos sujeitos vivenciar relações para além das suas comunidades locais” (SANTANA, 2007, p. 29).

Nesse novo cenário, cotidianamente ao acessarmos os sites de redes sociais virtuais verifica-se que os usuários publicam fotos, acontecimentos, sentimentos e uma infinidade de assuntos pessoais que ficam disponíveis no ciberespaço<sup>3</sup>. Nesse espaço, de acordo com Guimarães (2011) e Kardozo (2013) a rede social *Facebook* emergiu como uma das redes que ganhou expressiva adesão por parte dos usuários nos últimos anos por possibilitar essa gama de interatividade. Todavia, a nova sociedade em rede (CASTELLS, 2005) “transparente” e moderna na qual o indivíduo desenvolveu a crença de poder publicar e interagir nas redes sociais de forma ilimitada contribui para que sua vida se tornasse vigiada pelo “olhar alheio”. Assim, segundo Mariguela (2007) pode-se considerar que redes sociais passaram não só a atrair os usuários, mas também servem como mecanismo de monitoramento e controle desses. Dentre as possibilidades de controle exercida sobre o sujeito nas redes virtuais, vale ressaltar declarações de Bruno (2013). Essa autora aponta que

Dispositivos de monitoramento e captura de dados dos usuários se tornam cada vez mais presentes nestas mesmas plataformas e redes, tendendo a integrar seus próprios parâmetros de funcionamento e eficiência. Sob o fluxo visível das trocas e conversações sociais, constitui-se um imenso, distribuído e polivalente sistema de rastreamento e categorização de dados pessoais que, por sua vez, alimenta estratégias de publicidade, segurança, desenvolvimento de serviços e aplicativos, dentro e fora destas plataformas. (BRUNO, 2013, p. 9).

Percebe-se que neste espaço tecnológico no qual estão presentes diferentes sujeitos, apesar da possibilidade de ser constantemente monitorada, a experiência individual e privada vem se tornando cada vez mais explícita nos espaços públicos virtuais. Fragoso (2009) destaca que as novas tecnologias digitais passaram a ocupar uma centralidade nas mudanças experimentadas em diferentes aspectos da vida social e que, “prováveis e possíveis desdobramentos dessas alterações, mostram-se extremamente complexos e a velocidade do processo tem sido estonteante” (FRAGOSO, 2009, p. 12). Nos dizeres de Sibilía (2008) é perceptível que “nesse movimento, transformam-se também os tipos de corpos que são produzidos no dia-a-dia, bem como as formas de ser e estar no mundo” (SIBILIA, 2008, p. 15).

Pautado nessas postulações, pode-se inferir que a revolução virtual concorreu para que outras questões emergissem. Dentre essas Guimarães (2011) aponta, por exemplo, o modo como o *Facebook* vem colaborando “para que a era contemporânea seja configurada por uma

---

<sup>3</sup> Segundo Bezerra Junior (2012) Ciberespaço pode ser definido como o espaço virtual onde informações e dados circulam em oposição ao espaço físico.

expansão da visibilidade do indivíduo comum” (GUIMARÃES, 2011, p. 8). Com relação a esse aspecto, outros autores (BEZERRA JUNIOR, 2012; BRUNO, 2013 E SIBILIA, 2008) tecem considerações sobre o modo como a autoexposição e crescente visibilidade da vida pessoal adquirida pelo sujeito nas redes virtuais, concorre para a dificuldade de delimitação do limite entre o público e o privado na atualidade. Segundo ressalta Guimarães (2011) “a fronteira entre público e privado sofre uma profunda reconfiguração. Informações que antes circulavam somente dentro de um círculo familiar ou restrito de amigos, agora são tornadas públicas por e para várias pessoas” (GUIMARÃES, 2011, p. 8). Complementando essas considerações, Dal Bello (2011) ressalta que,

Nas redes sociais digitais, a exposição generalizada da intimidade dá margem a novos modelos de exploração das informações pessoais ali depositadas (à revelia de autorização prévia). Neste contexto cibercultural, visibilidade, vigilância, identidade e indexação tornam-se indiscerníveis e remetem à versão *up-to-date* e transpolítica do ideal utópico e teleológico de uma *sociedade transparente*, contribuindo para a desvalorização da “privacidade”. (DAL BELLO, 2011, p. 139).

É relevante destacar que, conforme pondera Dal Bello (2009) as redes sociais não devem ser consideradas as únicas responsáveis pela crescente exposição pessoal, mas, sim como uma ferramenta que, por propiciar ao sujeito a visibilidade potencializa tais práticas. Ademais, emergem apontamentos no que concerne a novas modulações subjetivas decorrentes da imersão do sujeito no ciberespaço (BRUNO, 2013; DAL BELLO, 2009; SIBILIA, 2008). Sendo a subjetividade segundo Rossetto e Brabo (2009), atravessada pelas interações sociais e contextos histórico-culturais, a reflexão sobre o modo como esta vem sendo perpassada por essas novas redes virtuais exige um olhar crítico. Bruno (2013) declara que as modulações subjetivas na contemporaneidade estão intimamente relacionadas aos dispositivos de visibilidade aos quais ela está submetida. Essa autora destaca ainda que, focalizar as implicações dessas interseções tecnológicas para a subjetividade fornece contribuições para a análise e compreensão da maneira como essa vem sendo constituída e modificada.

Nesse sentido, abordar uma temática em destaque como as redes sociais e suas interferências sociais e para a subjetividade contemporânea requer cautela e um olhar crítico. Tornou-se crucial repensar os aspectos relacionados às experiências que essas novas redes têm possibilitado ao sujeito, de forma a identificar os ganhos, mas também o ônus que podem acarretar. Assim, com essa pesquisa busca-se colaborar com a análise e reflexão sobre a motivação para essa crescente exposição da privacidade nas redes virtuais e as implicações disso para o sujeito.

## PROBLEMA E OBJETIVO

Pesquisar sobre as influências e desdobramentos que as novas tecnologias digitais passaram a exercer na vida do sujeito e da sociedade em geral constitui-se aspecto fundamental para compreensão das novas formas de ser e estar na atualidade. Araujo e Rodrigues (2005) destacam que as transformações promovidas pela Era da informatização incentivam novas ações nos indivíduos, permitem mudanças e revoluções profundas na sociedade o que ao mesmo tempo traz benefícios e também consequências. Nesse sentido pensar sobre: porque o sujeito expõe informações sobre sua vida pessoal em redes sociais virtuais? Quais são as consequências deste ato? A inserção nas redes virtuais trouxe implicações para a subjetividade? Foram esses os questionamentos que nortearam e tornaram-se objetivo principal de investigação deste estudo.

## PROCEDIMENTO

Para a execução deste projeto, foi utilizada pesquisa qualitativa que segundo Marconi e Lakatos (2004) “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano” (MARCONI; LAKATOS, 2004, p. 269). De acordo com as autoras, a pesquisa qualitativa auxilia na obtenção de uma análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, contexto, etc, o que possibilita maior compreensão dos fenômenos do mundo social. Na pesquisa teórica foram utilizadas fontes bibliográficas relativas à concepção de redes sociais, visibilidade e privacidade, visando compreender, discutir e validar hipóteses sobre as implicações destes fatores na vida e na subjetividade do indivíduo.

A amostra foi constituída por três indivíduos que eram usuários de algum perfil nas redes sociais, na faixa etária entre 18 e 30 anos, de ambos os sexos. Quanto ao grau de escolaridade, um participante possuía ensino médio em curso, uma graduanda em psicologia e outro concluído a pós-graduação na área de psicologia. A escolha dos entrevistados deu-se a partir do perfil que possuem na rede social *Facebook*, no círculo de amigos da entrevistadora. O convite para a entrevista ocorreu durante o percurso de construção da pesquisa e conversas com os entrevistados sobre o tema. Para todos os participantes foi explicado o motivo e objetivo da pesquisa, o modo como aconteceriam às entrevistas, bem como informações quanto ao sigilo e anonimato. As entrevistas foram realizadas na residência dos participantes com teve

duração média de uma hora e meia cada. Para resguardar a identidade dos entrevistados, todos foram referenciados por nomes fictícios.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi entrevista semi-estruturada, por meio da qual buscou-se verificar os motivos que impulsionam os entrevistados a compartilharem aspectos de sua privacidade nas redes sociais virtuais, e as possíveis implicações decorrentes dessa prática. A entrevista semi-estruturada, de acordo com Triviños (1987), é aquela em que, no geral, parte-se de questionamentos fundamentais gerados nos materiais teóricos e hipóteses levantadas e que apresentam características relevantes à pesquisa. Tal processo concede, então, um novo campo de questionamentos que surgem à medida que os informantes recebem as perguntas e apresentam respostas. Ainda segundo Triviños (1987), esse tipo de entrevista é útil para valorizar tanto o entrevistador quanto o entrevistado, pois o direcionamento semi-estruturado possibilita que o entrevistado apresente liberdade e espontaneidade para fornecer dados, enriquecendo a entrevista. Nesse sentido, a entrevista semi-estruturada foi utilizada para o aprofundamento na pesquisa. As entrevistas foram gravadas para garantir que as respostas transcritas fossem fidedignas às apresentadas pelos entrevistados. Após transcrição da entrevista, houve o embasamento teórico para análise dos dados para permitir uma conclusão relativa aos problemas propostos. Visando observar os cuidados éticos na realização da pesquisa, referentes à preservação da identidade dos entrevistados e a autorização para a coleta dos dados, foi utilizado o termo de consentimento livre e esclarecido que foi assinado pelos participantes.

Os dados foram analisados a partir da análise do conteúdo, que segundo Moraes (1999),

Constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (MORAES, 1999, p. 9).

Este autor destaca ainda que a utilização desse método “abrem portas ao conhecimento dos aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessíveis” (MORAES, 1999, p. 9). Mozzato e Grzybovski (2011), também explicitam que a análise de conteúdo, como método de análise de dados, visa minimizar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados. Segundo as autoras essa técnica visa trabalhar os dados coletados, “objetivando a identificação do que está sendo dito a respeito de determinado tema” (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 734). Nesse sentido, destacam que “o objetivo da análise de

conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (CHIZZOTTI apud MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011, p. 734). Diante do exposto, percebe-se que a análise de conteúdo permitiu de forma prática e objetiva produzir inferências sobre o tema pesquisado. Assim, a escolha deste tipo de análise se deu por ser a mais condizente com a pesquisa realizada, visto que possibilitou maior apreensão das consequências do que indivíduo vivência nas redes sociais. Parte-se do princípio de que ao analisar dessa forma foi possível obter dados mais relevantes e pertinentes com os objetivos da pesquisa.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados da pesquisa contempla, inicialmente, uma caracterização do perfil da amostra do presente estudo. Posteriormente foram articulados e analisados os dados obtidos através da entrevista e destacaram-se as seguintes categorias de análise: “Do laço social ao entretenimento pessoal”; “Adeus privacidade? Há limite entre o público e o privado?”; e “E aí, curtiu? A experiência de visibilidade nas redes sociais e a subjetividade contemporânea”. Essas categorias foram discutidas a luz das referências teóricas que embasaram este estudo.

### Caracterização da amostra

Participaram deste estudo três indivíduos de ambos os sexos, com idade entre 18 e 30 anos e que possuem perfil ativo em alguma rede social virtual. Os entrevistados possuem diferentes níveis de escolaridade, todos em cursos: ensino médio, graduação e pós-graduação.

A primeira entrevistada Naira, possui 18 anos de idade e reside na cidade de Ibirité com os pais. Atualmente cursa o 3º ano do ensino médio e trabalha como menor aprendiz em uma empresa. Naira possui perfil ativo nas redes sociais há mais de dois anos, sendo que o *Facebook* é o site mais utilizado para compartilhar conteúdos. Iniciou seu acesso a essa rede, especificamente, por ser o mais popular atualmente e pelo fato da maioria dos seus amigos também estarem nela. Segundo a entrevistada, a principal finalidade de utilização dessas redes é para conhecer pessoas, encontrar amigos. Com relação ao tempo que passa na internet e nas redes sociais, relata permanecer com o smartphone conectado 24 horas, acessando as redes inúmeras vezes.

A segunda participante Luana, tem 23 anos idade, reside em Belo Horizonte com a mãe e a irmã. Atualmente trabalha em uma consultoria de RH e está finalizando a graduação. Luana utiliza com maior frequência as redes sociais *Instagram* e *Facebook*. Declara ter criado perfil nessas por serem as mais utilizadas por outras pessoas. Dentre as principais finalidades de uso destaca que são pela manutenção de relacionamentos (familiares, amigos, conhecidos) e o lazer. Sobre o tempo que passa nessas redes, diz deixar o smartphone conectado o tempo todo na internet e que por vezes de 10 em 10 minutos acessa seus perfis na rede.

O terceiro entrevistado Carlos tem 27 anos é casado e reside em Belo Horizonte. Está concluindo a pós-graduação e trabalha como analista em uma indústria. Dentre as redes sociais mais utilizadas destaca em primeiro lugar o *Facebook*, posteriormente o Twitter e o Skoob. É usuário das redes sociais desde que elas foram lançadas, fato que, segundo relata, possibilitou verificar a evolução das redes até os dias atuais. Destaca que a principal motivação para criar um perfil foi à curiosidade, pois, quando as redes sociais foram lançadas essas não eram tão conhecidas e não era tão difundido o aspecto de relacionamento nessas. As principais finalidades do uso das redes para Carlos são manter contato com as pessoas e também como lazer.

Com relação ao perfil dos entrevistados foi interessante notar que em determinadas situações a percepção e atitudes que adotam em relação às redes virtuais mostraram-se bastante divergentes. Essa questão deixou em evidência dois aspectos, o primeiro refere-se à faixa etária e ao modo de experienciar as redes virtuais. Outro foi em relação ao nível de escolaridade sendo que, quanto maior o nível de escolaridade dos entrevistados maior o senso crítico em relação às redes. Essa constatação não sugere generalizações, mas apontam para outras possibilidades de novos estudos que abordem essas variáveis, tanto em relação à idade ou ao nível de escolaridade dos sujeitos.

## **Categorias de análise**

### ***Do laço social ao entretenimento pessoal***

Alguns autores (ALBUQUERQUE, 2002; CORRÊA, 2012 e SANTANA 2007) apontam para a grande influência exercida nas pessoas pelas redes sociais na contemporaneidade. Esse fato deve-se a possibilidade de participação ativa do sujeito na divulgação e compartilhamento de conteúdos nessas redes; ao relacionamento com outras pessoas, independentemente da localização geográfica; por permitir pesquisar sobre diversos assuntos e, também,

como forma de lazer. Qualquer pessoa é capaz de interagir com outras e elaborar conteúdos de qualquer espécie, sobre qualquer assunto, sem qualquer barreira de tempo ou de espaço (CORRÊA, 2012, p. 50). Com relação ao modo como os sujeitos concebem essas redes, Dal Bello e Rocha (2012) mencionam que as redes virtuais são “percebidas por seus usuários como sites ou comunidades de relacionamento em que é possível encontrar e comunicar-se com o outro (qualificado como amigo, seguidor, contato ou fã), por meio de perfis representativos” (DAL BELLO; ROCHA, 2012, p. 1).

Para que esse processo seja estabelecido, primeiramente há a necessidade de o sujeito criar um perfil que o identifique na rede virtual. Dal Bello e Nomura (2011) destacam que a criação de um perfil pode ser considerada a “condição *sine qua non* de entrada, permanência e manifestação em cada um dos ambientes virtuais de comunicação e relacionamento” (DAL BELLO; NOMURA, 2011, p. 9). De acordo com a pesquisa realizada foi possível apreender que a criação e manutenção do perfil na rede virtual pelos entrevistados estão associadas, dentre outros fatores, à facilidade de manter contatos sociais e também como um novo meio de lazer.

[...] A comunicação, conhecer pessoas, encontrar amigos. Mais é isso mesmo! [...] você conhece a pessoa e ela mora longe, aí você conhece ela e não tem outro meio de comunicação a não ser por ali. Aí pra não perder o contato da pessoa, ou coisa do tipo, você continua com a rede social. (Naira, 18 anos).

[...] Eu acho que é mais manter um nível de contato com as pessoas que estão mais distantes fisicamente de mim, por exemplo, parente do interior, amigos que tenham mudado para outras cidades ou mesmo que more aqui em Belo Horizonte mesmo, mas que não tenho tempo de encontrar sempre. Um segundo ponto é o lazer também né? [...] Eu sigo geralmente Twitter de sites que postam notícias, de humoristas então é mais no sentido de um lazer mesmo. Cê tá ali vê uma notícia, uma piadinha alguma coisa nesse sentido. (Carlos, 27 anos).

[...] Ah divertir, distrair, lazer, pra não fazer nada. Algumas vezes também até um meio de trabalho, divulgação de curso que a gente vê né? Informação. Mas a princípio lazer e relacionamento (risos). (Luana, 23 anos).

Essas declarações reafirmam as afirmações dos autores supracitados sobre a extensão que as redes sociais virtuais adquiriam na vida do sujeito, seja na relação com o outro ou no modo de entretenimento. Depreende-se disso que os laços sociais, momentos de lazer e ócio mostram-se cada vez mais atravessados pelas tecnologias virtuais nas quais o sujeito se insere. Dentre as redes virtuais destacadas pelos entrevistados como principal opção de interação e lazer está o *Facebook*. Essa rede, conforme ressaltam se tornou a “principal” fonte para o es-

tabelecimento de contatos. Em acréscimo, a questão da popularidade desta rede entre os usuários mostra-se também como um ponto focal para a inserção do sujeito.

[...] Ah o *Facebook* (e whatsapp)! Porque são mais populares né? A que todo mundo tem, e que a gente encontra mais amigos da gente. (Naira, 18 anos).

[...] Eu uso muito o *Facebook* (óbvio né! risos). (Carlos, 27 anos).

[...] *Facebook* mais do que tudo também. Porque ah! todo mundo tem (risos). Ah o face porque me mantém conectado claro, você pode ter amizade. Meu Facebook por exemplo, eu tenho quase 1000 amigos. Se você parar pra olhar eu não converso nem co 1/3 do que eu tenho lá. Mas eu tenho muitas amizades de são Paulo, mato grosso do sul onde eu morava. Por isso eu mantenho mais. (Luana, 23 anos).

O *Facebook* recebe destaque na fala dos entrevistados, pela grande interatividade e usos que oferece aos seus usuários. Ratificando essa afirmação, Guimarães (2011) menciona que essa rede possui varias ferramentas e particularidades que a caracterizam e a tornaram um espaço representativo na experiência do sujeito no espaço virtual. Dentre os detalhes destacados e que podem ser atribuídos a popularidade do *Facebook*, está o mural de status no qual os usuários publicam e compartilham uma infinidade de conteúdos e o botão “curtir”. Esse último segundo Guimarães (2011) “foi desenvolvido para indicar que alguém que viu um conteúdo postado por outra pessoa gosta, apoia, acha interessante aquele conteúdo” (GUIMARÃES, 2011, p. 57).

Com base nessas postulações e inferências obtidas através das entrevistas, torna-se pertinente considerar que as redes sociais virtuais não são, unicamente, meros instrumentos tecnológicos. Essas se tornaram parte do nosso dia-a-dia e vem contribuindo para a construção de uma nova “concepção sobre o mundo na sua diversidade e, em particular, o modo como hoje convivemos e entendemos as práticas culturais” (VICENTE, 2012, p. 2).

### **Adeus privacidade? Há limite entre o público e o privado?**

Segundo Dal Bello (2011) e outros autores referenciados neste trabalho é indubitável a necessidade de reflexão sobre a pertinência do conceito de privacidade, tendo em vista as inúmeras ferramentas tecnológicas que vem apontando para novos modos de ser, estar e se relacionar com o outro e com o mundo (DAL BELLO, 2011, p. 141). De acordo com essa autora estamos imersos em ideais utópicos de uma sociedade transparente, que vem contribuindo de forma crescente com a desvalorização da “privacidade” (DAL BELLO, 2011) e na

qual a tecnologia e mais especificamente as redes sociais, tem possibilitado sua instauração e concretização. É importante ressaltar que não se intenciona aqui atribuir a responsabilidade de tais acontecimentos somente ao surgimento das redes sociais virtuais, pois, existe do outro lado da tela um sujeito que está em constante interação com essa. Mas, sim, destacar que por “configurar-se como um instrumento que propicia a visibilidade concorre para sua potencialização” (DAL BELLO, 2009, p. 13).

Bezerra Junior (2012) salienta que ao abrir o campo para o compartilhamento da vida pessoal nos perfis das redes sociais, as diversas informações publicadas alimentam a curiosidade dos usuários que se mantêm atentos ao que acontece com os amigos e até mesmo com desconhecidos. Isso concorre para o aumento das “publicações sobre suas vidas, opiniões e postagens das mais variadas naturezas e inspira a exposição, postando informações íntimas, acontecimentos cotidianos, opiniões, preferências, fotos pessoais e ‘n’ conteúdos” (BEZERRA JUNIOR, 2012, p. 14).

Os apontamentos supracitados podem ser notados na fala de Luana, ao enfatizar que as redes sociais são atrativas também por facilitar não só a publicação de conteúdo, mas,

[...] Saber da vida do outro né? a curiosidade! Você saber da intimidade do outro. Que é mais fácil você vigiar, você saber, você cuidar porque está ali exposto. As pessoas se expõem tão fácil hoje em dia nas redes sociais. [...] Porque eu vou cuidar da minha vida? Deixa eu olhar a vida do outro, que outro ta fazendo lá de bacana ou que não esta fazendo de bacana pra mim falar mal, pra mim julgar e eu acho que é isso. Infelizmente se você abrir o *Facebook* hoje é só futilidade, mas a gente gosta dessas futilidades né? (Luana, 23 anos).

Nos dizeres de Luana é perceptível que as redes sociais permitem um acesso a privacidade do outro, principalmente pela facilidade com que as pessoas se expõem nessas redes. Segundo Sibilia (2008) nas novas tecnologias da informação “torna-se visível nada menos do que a intimidade de cada um e de qualquer um” (SIBILIA, 2008, p. 90). Assim torna-se pertinente considerar que intimidade e banalidade nesses espaços se confundem no cotidiano, apontam para um novo modo de ser e estar na sociedade e tornando mais complexo delimitar o que é de domínio público e privado na vida do sujeito, uma vez que esse se expõe cada vez mais em busca de visibilidade nas redes virtuais.

Outra inferência que a declaração de Luana nos possibilita é sobre esse modo de estar no centro das práticas de visibilidade, mas também ser expectador do que o outro expõe. Conforme aponta Acselrad (2013) “a convivência com a própria imagem e a alheia, restrita aos espelhos e retratos nas sociedades tradicionais, passa a ser uma constante e, como consequência, novos modos de visibilidade se instauram” (ACSELRAD, 2013, p. 9). Todavia, não só

novos modos de visibilidade se instauram, mas também de monitoramento e vigilância alheia. A facilidade em saber da vida do outro e com isso tecer, por exemplo, juízos de valor sobre o conteúdo que compartilhado passou a ser potencializado pelas redes virtuais, aspecto esse que emerge na fala de Luana.

Com base nos autores mencionados ao longo deste trabalho, nota-se uma crescente celebração da individualidade e da visibilidade. Evidência-se um abandono do reduto íntimo para mostrar-se cada vez mais na superfície das ferramentas virtuais e do espaço público virtual. Ao inserir-se nesses espaços virtuais, “o sujeito é interpelado a falar de si, de sua subjetividade, do seu pensamento, das suas ideias sobre o mundo e os acontecimentos” (DIAS; COUTO, 2011, p. 641). Essas ações corroboram para um dos “objetivos finais” das práticas de exibição nas redes sociais seja efetivado. Conforme pode ser constatado na fala de Naira:

[...] Acho que na maioria de todo mundo é assim, pra você vê, pro outro vê o que cê ta fazendo, o que cê ta pensando. Mais nesse sentido, bem isso! [...] Às vezes eu fico é mais olhando mesmo. [...] coisa de momento mesmo! “ah tirei (foto) aqui, pronto, posto”! [...] Eu não sou de ficar postando esses negócios de tragédia, mas coisa minha mesmo, mais coisa pessoal. (Naira, 18 anos).

Pode-se considerar, mediante dizeres de Luana e Naira, que não é só ter um perfil para tornar-se visível ao outro, mas é a possibilidade desse duplo papel, de poder tornar-se espectador das publicações dos outros que também torna as redes sociais e especificamente o *Facebook* importante.

Outro ponto notado nas entrevistas é que o compartilhamento da intimidade nas redes sociais, em maior ou menor grau pode acarretar problemas para os seus usuários, reafirmando novamente que os conteúdos compartilhados nas redes virtuais estão sob constante vigilância. Os entrevistados evidenciaram que já passaram por situações problemas envolvendo conteúdos que publicaram.

[...] Eu publiquei uma foto minha e do meu namorado e aconteceu que pediram pra mim tirar. Era uma foto minha e do meu namorado, eu tava de sutiã e ele sem camisa num banheiro e o pessoal do serviço pediu pra tirar. [...] Assim, em primeiro momento eu fiquei meio assustada né? Mas depois eu fui e realmente pensei né? Pô! pus a foto lá, sendo assim que eu tava recente na empresa, podia ter um, como que eu vou dizer, podia ter um problema pra mim [...]. Se fosse numa outra empresa podia gerar até um desligamento. Uma coisa mais assim, uma coisa mais séria. Mas no primeiro momento eu fiquei foi assustada mesmo e até com um pouquinho de raiva, porque invadiram, tipo, a minha privacidade né? Depois que a gente pensa né? Depois que a cabeça esfria a gente pensa. (Naira, 18 anos).

[...] Uma vez eu publiquei uma foto minha com um moço que eu estava num churrasco, com um mocinho lá, aí um outro viu! ( meu ex) e me xingou, nem sei porque também. Ai deu uma confusãozinha e eu tive que tirar. (Luana, 23 anos).

Esses dados confirmam que mesmo quando se trata de algo do cotidiano pessoal do sujeito, determinados conteúdos ao serem compartilhados no *Facebook* podem ganhar uma proporção sobre a qual, em alguns casos, os usuários não terão controle. A experiência de Carlos também nos mostra o campo de visibilidade e a proporção que determinados assuntos podem adquirir nessa rede.

[...] Por exemplo, política! Eu parei de falar sobre política é uma coisa que eu achava, isso recente, nessa eleição de agora, que eu achava interessante às vezes colocar alguns pontos de vista nesse sentido de levar as pessoas a pensarem. Mas teve uma vez que eu fiz um comentário, nem lembro qual que era o comentário, mas o post lá deu mais de duzentos comentários e assim, o povo brigando embaixo, xingando e tal. Eu quase exclui o *Facebook*. Um dava a opinião, o outro dava a opinião embaixo e outro discorda e vinha outro e chamava todo mundo de reaçã e os outros chamam de petrala e começa aquela confusão e aí pronto. (Carlos, 27 anos).

Pode-se concluir desses dizeres que, conforme mencionam Dal Bello e Rocha (2012) a apropriação que o outro pode fazer dos conteúdos publicados nas redes virtuais, pode ocorrer de modo muito diferente do que foi almejado pelo sujeito que publicou. Assim, é cabível considerar que “o resultado obtido pode ser diametralmente oposto ao esperado e foge completamente ao controle do *eu*” (DAL BELLO; ROCHA, 2012, p. 11).

É pertinente mencionar que, ainda que em aspectos básicos todos os entrevistados apontaram para o cuidado com relação configuração de privacidade no *Facebook*. Isso se mostra como algo positivo, pois, pode contribuir para minimizar maiores impactos sobre suas publicações. Outro ponto benéfico é que a literatura (TERTO et al 2012; CARVALHO et al 2012) assinala que a configuração de privacidade no *Facebook* ainda aparece um dos pontos crítico dessa rede, mas em certo modo os entrevistados procuram utilizá-la.

Para Naira, a manutenção de sua privacidade se restringe a configuração oferecida no *Facebook* em que um conteúdo pode ser mostrado para os amigos ou deixar aberto para qualquer um dessa rede,

[...] Ah, principalmente lá no *Facebook* tem aquela mudança né? Você pode colocar pra todo mundo ver ou só amigos. Mas aí, a alteração é mais naquilo. (Naira, 18 anos).

Luana pondera que sua privacidade é mantida conforme configurações da rede, mas também ao não compartilhamento de determinado conteúdo que possa lhe causar problemas,

[...] Ah! Quem eu não quero que veja eu bloqueio do meu *Facebook*, ou não posto. Por exemplo, se eu sai com o bonitinho lá e não quero que o outro veja eu não posto a foto com ele entendeu? (risos). Essa é a minha forma de privacidade, aí no meu *Facebook* só pode ver quem são meus amigos. (Luana, 23 anos).

Já Carlos traz em seu relato não só a preocupação em configurar as funcionalidades oferecidas no *Facebook*, mas outros aspectos que podem limitar a visualização e problemas com relação aos seus perfis virtuais:

[...] Primeiro é essa questão de só aceito como amigo nas redes sociais, que eu interajo por exemplo. *Facebook* é quem de fato eu conheço e convivo né? Pessoas assim que eu desconheço, que eu tenho pouco contato às vezes eu até aceito, mas eu não deixo ela visualizar o que eu posto. E até tem configurações pra isso né? Então isso é uma das coisas que eu faço, porque eu sei que o que eu to falando ta chegando para o público que eu quero que escute. Eu acho que é isso assim, tomar cuidado com senha, cuidado com onde eu acesso. Por exemplo, rede social eu só acesso dos meus dispositivos assim. Eu não vou chegar numa lan house e entrar nas minhas redes, porque o risco de alguma coisa ali pegar sua senha é grande. (Carlos, 27 anos).

O tênue limite entre o público e o privado nas redes sociais virtuais, mostra-se cada vez mais explícito. Assim, pode-se confirmar que a terminologia que define a privacidade contemporânea perpassa pela evasão de privacidade (SIBILIA, 2008). Em certo modo poder-se-ia pensar em um adeus as vivências íntimas e particulares de cada sujeito. A intenção não é generalizar essas constatações, mas apontar para o complexo trabalho de delimitar no âmbito nas relações e práticas de compartilhamento virtuais até onde vai o limite entre o que é público e privado na vida do sujeito.

### **E aí curtii? A experiência de visibilidade nas redes sociais e a subjetividade contemporânea**

A pesquisa evidenciou que os aspectos relacionais e lazer promovidos pelas redes virtuais representam um ponto importante para os entrevistados. Entretanto, outra questão que emergiu foi à possibilidade de exibição pessoal e a relevância que a visibilidade oferecida pelas redes sociais, adquiriu nas experiências e vivências dos entrevistados nessas redes. Essa inferência decorreu das declarações dos entrevistados bem como sobre o principal conteúdo compartilhado nessas redes, que em sua maioria são as fotos pessoais. Essa constatação vai ao encontro ao aspecto apontado por Dal Bello e Nomura (2011) ao enfatizarem que a atração exercida pelas redes sociais está relacionada à grande visibilidade que ela pode proporcionar ao sujeito. Na fala de Naira essa busca visibilidade mostra-se como algo bem demarcado:

[...] Ah, mais foto, normal, mais *selfie* mesmo. É mais cotidiano mesmo, aquilo mais do momento. [...] Porque, qual vai ser o sentido de cê postar um negócio só por postar? Cê ta postando aquilo ali é pra alguém ver, comentar, curtir mais isso. Das pessoas saberem daquilo, daquele momento seu ali. (Naira, 18 anos).

Outro aspecto suscitado pela fala de Naira remete também a uma emergência em satisfazer a vontade de deixar visível o que se faz. Nos dizeres de Sibilía (2008) existe “um impulso em ter que falar e se mostrar agora, já, em tempo real e do jeito que for” (SIBILIA, 2008, p. 238). Bezerra Junior (2012), aponta que os momentos passam a ter uma existência concreta quando é publicado na rede social e curtido pelos demais usuários do círculo de amizades desses. As redes sociais potencializaram essas ações e segundo esse autor, a satisfação do sujeito passou a estar ligada não só em realizar determinada atividade, mas no compartilhamento virtual dessas.

Para Luana, a publicação de fotos, principalmente de si mesma, também é um aspecto relevante, sendo que em alguns momentos a finalidade de suas ações é unicamente compartilhá-la em sua rede.

[...] Adoro postar foto minha! [...] Tem aquele momento, assim de você bater aquela foto e aí é instantâneo: é pro *Facebook*! [...] Ah, pra mostrar que tá bem né? Pra mostrar que tá bonita! Pros outros vê que ta bonita e às vezes nem você mesmo ta achando. Mentira eu acho sim (risos). (Luana, 23 anos).

A questão que chama a atenção na fala de Luana é a necessidade de evidenciar um bem-estar pessoal e até mesmo estético em sua rede. Em outro momento esse aspecto é reforçado, pois quando algo publicado por ela em sua rede não alcança a visibilidade esperada:

[...] Ah a gente apaga! Apaga porque se não foi aprovado é porque tá feio (risos). Ah eu fico mal, falo no fiquei zuada nessa foto, ninguém curtiu, ninguém falou nada sabe? Ninguém me deu ideia! É ruim! [...] Sabe por quê? Teve uma foto minha que eu postei que eu tava muito arrumada com minha autoestima lá em cima, pois todo mundo curtiu. Aí reforçou isso em mim sabe? Esse sentimento. Agora, foto que eu posto e ninguém curte eu penso: “nossa to um bagaço”. (Luana, 23 anos).

Analisando os dizeres de Luana, pode-se constatar, conforme aponto Bruno (2013), que o estabelecimento da relação entre o sujeito e a rede virtual decorre, em certa medida, da possibilidade deste se fazer visível para que o outro o reconheça, admire-o e em certo modo possa validá-lo como alguém. Isso contribui para que a rede social seja um campo profícuo para compartilhamento de aspectos pessoais. Mediante declarações de Luana isso fica em evidência. Essa atribui, por exemplo, seu sentimento de autoestima as curtidas que recebe.

Mas um aspecto interessante a ser marcado também é o questionamento que ela traz sobre sua própria declaração, apontando para certa implicação sobre essa necessidade de aprovação na rede.

É relevante apontar também o significativo papel que o botão “curtir” adquiriu para o sujeito, pois esse se tornou uma extensão da experiência subjetiva dos usuários que utilizam a rede. Segundo apontado na pesquisa do Ibope (2010) os usuários das redes sociais virtuais sentem-se mais realizados quando algo que publica é “curtido” pelas pessoas de sua rede.

[...] Então, a gente espera assim, que tenha um comentário positivo, alguma coisa mais legal assim! E que não tenha aquela coisa assim, chata. [...] Porque assim, cê nunca espera que vai dar assim muito, ibope. Ai a hora que você vê que uma coisa sua deu muito assim você fica, nossa que legal! Fica assim, mais com esse sentimento positivo assim, de felicidade. É mais isso sabe? Se autopromover, conhecer mais gente, ficar meio que famoso assim. É mais isso mesmo. (Naira, 18 anos).

[...] Ah sim! Eu espero curtida! Que as pessoas vejam. Tem coisas que são status mesmo. Estranho, né? A gente esperar isso dos outros. A gente tem uma expectativa de que as pessoas olhem e aprovem aquilo que eles estão vendo. [...] As pessoas hoje em dia estão mais preocupadas em tirar foto e postar no *Facebook* do que viver naquele momento. Ao invés de viver o momento fica “vamos tirar uma foto?”. Ai tira 600 fotos até uma sair boa pra postar no *Facebook*, pra alguém curtir e a pessoa lá vê que você saiu. (Luana, 23 anos).

Nos dizeres das entrevistadas há em evidência que a questão não perpassa somente a exposição de sua vida nesses dispositivos, mas também a uma forma de trazer o foco para si, ter reconhecimento e aprovação daquilo que se faz e do modo como se apresenta nesses espaços (BEZERRA JUNIOR, 2012). É perceptível um movimento em busca de um olhar que proporcione a visibilidade desejada. Para Dal Bello e Rocha (2012) é devido ao fato de atenderem a essa necessidade de autoexposição da subjetividade contemporânea que as redes sociais fazem sucesso. Nota-se, além disso, que a “curtida” recebida tem sido cada vez mais valorizada pelo sujeito como parte de suas vivências intrapessoais.

No tocante a essa questão é relevante mencionar que com relação ao entrevistado Carlos foi perceptível um posicionamento diferente no que tange à exposição de fotos e conteúdos pessoais nas redes sociais. Apesar de declarar utilizar com bastante frequência, aponta que:

[...] Eu geralmente assim, tento não colocar muita informação pessoal, tipo há! Viajando para o lugar tal sabe? Chegar a postar foto do meu almoço no Instagram sabe? Eu não curto muito isso não! [...] Isso eu tenho muito cuidado com essas coisas. Acho que até por eu ter pegado as redes sociais assim, desde lá atrás e eu já vi tanta coisa que aconteceu de vazamento de informação pessoal, foto que às vezes você coloca que é só pra um público acessar e por um erro do sistema outro público acaba acessando. (Carlos, 27 anos).

Outro aspecto foi o contraponto em relação ao modo como Carlos, pensa sobre a publicação de conteúdos pessoais no *Facebook* e as modificações quanto às mudanças que passaram essas redes:

[...] Eu acho que tem muito a ver com a questão da visibilidade né? É essa coisa da internet ter mudado pra uma perspectiva mais ativa, ela transformou todo mundo em produtor de conteúdo né? De alguma maneira e acho que ser reconhecido pelo conteúdo que você produz, ou seja, hoje em dia é receber muitos “curtir”, traz uma satisfação pras pessoas serem vistas, serem lembradas, serem populares vamos dizer assim. [...] Acho que isso tem um peso nesses momentos sabe? Você falar pô que legal um monte de gente curtiu e tal. Eu acho que talvez foi por alguma coisa assim, que hoje é uma coisa que já não me interessa mais, eu não me importo mais tanto com isso sabe? (Carlos, 27 anos).

Segundo Schons e outros (2008), a internet em sua fase inicial permitia ao sujeito somente receber os conteúdos que eram disponibilizados nesta. Posteriormente, a evolução da rede e a criação de novas funcionalidades abriram para o sujeito a possibilidade de interagir de forma ativa e a construir seu próprio conteúdo virtual. Para Primo (2007) houve uma potencialização nas “formas de publicação, compartilhamento e organização de informações” (PRIMO, 2007, p. 1). Corroborando com as afirmações dos autores, as declarações de Carlos permitem constatar que as modificações foram significativas na experiência dos usuários das redes virtuais. Houve a possibilidade de interagir de forma ativa com a rede, produzir o próprio conteúdo e tornar-se visível na vitrine virtual. Entretanto, apesar de configurar-se como um espaço elaborado pelo próprio sujeito, algumas vezes os conteúdos compartilhados podem não estar totalmente sob seu controle.

Nesse sentido, Carlos em relação ao uso da rede denota que apesar de ser usuário do *Facebook* e outras redes sociais, adota uma postura mais cautelosa com relação ao que compartilha. Esse fato conforme é constato em seus dizeres, pode estar relacionado ao tempo que é usuário da internet e das redes virtuais, o que lhe possibilitou em certo modo experiência e maior reconhecimento em relação aos possíveis impactos que podem ocorrer e a pouca segurança sobre os conteúdos postados nessas redes. Outro apontamento é que apesar de Carlos adotar um comportamento diferente em relação às redes sociais, constata que esse caráter de visibilidade e reconhecimento atrelado ao “curtir” tornou-se importante para os usuários do *Facebook*, fato que aparece nos dizeres das demais entrevistadas.

Diante disso, através dos apontamentos realizados ao longo da pesquisa é possível inferir que houve um “deslocamento do eixo em torno do qual se edifica o que se é: de dentro (intro-dirigidos) para fora (alter-dirigidos)” (SIBILIA, 2008, p. 234). A construção e percepção de si são orientadas conforme o olhar alheio ou pautada em uma busca constante de auto-

exposição (SIBILIA, 2008). Conforme apontam alguns autores (COSTA, 2002; BRUNO, 2013; SIBILIA, 2008) e os relatos nas entrevistas, ficou evidente que a vivência do sujeito e, principalmente, sua subjetividade estão sendo a todo o momento perpassadas pelas tecnologias virtuais e tem sido modificadas por essas. Tendo em vista que a subjetividade mantém com o social uma mútua relação conforme aponta Kardozo (2012) é cabível considerar que essa tem sido cada vez mais modificada e é resultante dos processos tecnológicos que marcam a sociedade.

Esse novo campo de visibilidade que o sujeito adquiriu com as redes virtuais, conforme aponta Bruno (2013) coincide não só com um modo particular de espetáculo, mas também com a produção de novos modos de subjetivação. Segundo essa autora, a subjetividade torna-se cada vez mais exteriorizada e mediatizada. Complementando a análise, as explicações de Sibilía (2008) sobre a consonância da subjetividade com as questões culturais, ficam explícitas que essas impulsionam o surgimento de novos modos de ser e estar no mundo. Todos os aspectos que perpassam a vivência do sujeito pressionam para novas configurações subjetivas. Ao analisar as experiências relatadas nas entrevistas é notável que junto das novas práticas de comunicação e expressão virtual, instauraram-se, também, novos modos de ser cada vez mais atrelados ao fenômeno de exposição pessoal nas redes sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização e a revolução tecnológica trouxeram novas formas e possibilidade de comunicação entre as pessoas, modificaram comportamentos e os modos de se relacionar. As redes sociais tornaram-se mais um canal importante para o compartilhamento de informações, não obstante, um novo meio para aproximar pessoas distantes fisicamente ou não. Contudo, percebe-se que ao inserirem-se na rede virtual os sujeitos buscam dentre outras coisas, suporte social, visibilidade, reconhecimento e entretenimento. As redes sociais e, especificamente, o *Facebook* abriu o campo para essas questões, mas também evidenciou que esses espaços nem sempre são inofensivos na vida do sujeito.

De acordo com essa pesquisa, constatou-se que dentre os principais motivos que levam o sujeito a ter um perfil nessas redes e compartilhar certos detalhes de sua privacidade perpassa, dentre outras coisas, pela possibilidade de exibição de si e visibilidade potencializada por essas redes. Evidencia-se que a relevância adquirida pelas redes virtuais na sociedade e a dimensão que passaram a abranger na vida do sujeito decorre em certo modo desses fatores. Nesse contexto foi possível apreender como a vertiginosa experiência virtual fez e faz emergir

novos modos de subjetivação, de ser e estar na contemporaneidade a cada “curtir” e “compartilhar”. Nas redes sociais virtuais é visível o estímulo à importância de mostrar-se, cultivar o belo, explicitar uma felicidade muitas vezes efêmera e um sujeito que “precisa” de uma visibilidade virtual para “reafirmar sua existência” e notoriedade nesses espaços. Através dos relatos dos entrevistados, essas observações tornam-se pertinentes, pois, pode-se observar que alguns deles atribuem considerável importância em “estar visível” e sentirem-se reconhecidos pelo que expõem nessas redes. Nesse cenário o surgimento do Facebook e a gama de possibilidades de compartilhamento que proporciona tornou-se um campo fértil para intimidades reveladas. A relevância dessa ferramenta como meio de interação social, mostrou-se significativa em termos de evolução tecnológica. Entretanto, sua estrutura e objetivos associados ao modo como vem sendo utilizada, concorrem para que as expressões de si mediante a exposição íntima e subjetiva dos seus usuários sejam a marca registrada dessa rede. Consta-se conforme discutido pelos autores, uma subjetividade cada vez mais exteriorizada, que projeta sua intimidade nas redes virtuais com vistas a ser aceita e validada pela sociedade.

Conforme verificado nas entrevistas, o “perfil” criado pelos usuários no Facebook tem possibilitado alcançar os resultados esperados (e inesperados) da exibição de sua vida pessoal; ficou visível que, mais do que estabelecer contatos é preciso transmitir um “eu” passível de aprovação por sua aparência estética, nível felicidade, realização social e afetiva. Mediante considerações teóricas tecidas neste trabalho e análise das entrevistas, poder-se-ia inferir que o sujeito contemporâneo apresenta-se cada vez mais narcisista, prisioneiro de uma imagem ideal. Tornou-se um “perfil” que busca e depende a todo o momento do olhar e aprovação alheia para reafirmar-se. Seria viável considerar que a evasão da intimidade nas redes virtuais estaria apontando para a dificuldade do sujeito em lidar consigo mesmo no “mundo real”? A exibição virtual de um estado permanente de felicidade tem sido suficiente para tamponar angústia latente que insiste em invadi-lo? Os excessos vivenciados nas redes virtuais podem concorrer para o surgimento de novas fontes de adoecimento psíquico? Essas e demais questões suscitadas pela pesquisa, sinalizam novas possibilidades de reflexão e outros aprofundamentos teóricos sobre essa temática no campo da psicologia.

É importante destacar que ter um perfil nas redes sociais e compartilhar conteúdos não se constitui um problema, mesmo porque essas redes ampliaram as possibilidades de estabelecer e manter laços sociais. Buscou-se construir articulações sobre os motivos e o modo como isso tem ocorrido uma vez que, as redes virtuais não se constituem um simples diário íntimo guardado na gaveta, mas, sim como um espaço compartilhado por inúmeras pessoas. Outra consideração é que a construção deste trabalho não teve o intuito de culpabilizar às re-

des sociais pelos fenômenos que emergiram desde seu surgimento, nem afirmar que as constatações apresentadas são aplicáveis a todos que utilizam as redes virtuais. A pesquisa possibilitou inferências nesse sentido ao evidenciar que nem todos os usuários dessas redes são sujeitos passivos e acríticos quanto aos impactos que suas publicações podem causar. Outro detalhe é que cada sujeito cria e mantém o perfil com base no ideal de perfeição que deseja mostrar para os demais em sua rede. Assim, intentou-se apresentar e tecer considerações críticas sobre esse fenômeno que inovou os meios de comunicação e interação social e introduziu o sujeito nos espaços virtuais independente de sua idade, gênero, raça, etc.

Por fim, foi possível constatar que embora o sujeito e as questões concernentes à subjetividade e tecnologia constituem-se campos de estudo da Psicologia, foram encontradas poucas construções de profissionais dessa área. Grande parte das pesquisas e autores referenciados neste trabalho são decorrentes da Comunicação Social, Sociologia, Direito dentre outros. Sendo assim, aponta-se a necessidade e relevância de apropriação por parte da Psicologia de temas contemporâneos que atravessam seu objeto de estudo.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Olga Matilde Borges Correia de. **A interação da família com adolescentes usuários de internet**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de Pernambuco, PE, 2002. Disponível em: <[http://www.unicap.br/tede//tde\\_arquivos/1/TDE-2006-12-20T155254Z-54/Público/Pre-textual.pdf](http://www.unicap.br/tede//tde_arquivos/1/TDE-2006-12-20T155254Z-54/Público/Pre-textual.pdf)>. Acesso em 18 mai 2014.

ACSELRAD, Márcio. Tudo a ver: o império da visibilidade total como sintoma contemporâneo. v. 2, mar. 2013. **Passagens, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação** – UFC. Disponível em: <http://www.revistapassagens.ufc.br/index.php/revista/article/viewFile/33/34>. Acesso em 19 abr 2014.

AGUIAR, Sônia. **Redes sociais na internet: desafios à pesquisa**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Ago, 2007. Disponível em: [http://www.sitedaescola.com/downloads/portal\\_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20E0%20pesquisa.pdf](http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20E0%20pesquisa.pdf). Acesso em 26 de abr de 2014.

ARAÚJO, Júlio César; RODRIGUES, Bernadete Biase (orgs.). **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

BEZERRA JÚNIOR, S. M. **O Facebook zela por ti: um olhar acerca da rede social, exposição, vigilância e mídia**. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2012. Disponível em <<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/2600>>. Acesso em 13 de out 2014.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modo de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2013.

CASTELLS, Manuel (2005). A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Ação Política**, Conferência promovida pelo Presidente da República, 4 e 5 de Março, Centro Cultural de Belém. Disponível em <[http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a\\_sociedade\\_em\\_rede\\_do\\_conhecimento\\_a\\_acao\\_politica.pdf](http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf)>

CARVALHO, J.V.; LAMMEL, F.; SILVA, J.D.; CHIPEAUX, L.C.; SILVEIRA, M. Inspeção semiótica e avaliação de comunicabilidade: identificando falhas de comunicabilidade sobre as configurações de privacidade do Facebook. 1. IX Simpósio brasileiro sobre fatores humanos e sistemas computacionais - 2012. **Anais...** Disponível em: [http://www.inf.puc-rio.br/~inf1403/docs/EC\\_Report\\_ihc2012.pdf#page=23](http://www.inf.puc-rio.br/~inf1403/docs/EC_Report_ihc2012.pdf#page=23). Acesso em 04 de out de 2014.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. **Os artigos científicos em tempos de Web 2.0: uma Reflexão Teórica.** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.17, n.1, p. 42-58, jan./jun., 2012. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=20090>> Acesso em 20 de mar 2014.

COSTA, Ana Maria Nicolaci da. **Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas.** Psicologia: Teoria e Pesquisa Mai-Ago 2002, v. 18, n. 2, pp. 193-202. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n2/a09v18n2>> Acesso em 24 mai 2014.

DAL BELLO, C. NOMURA, J.M. Perfis brasileiros em redes sociais digitais: uma análise das imagens de identificação. CONFIBERCOM 2011. **Anais...** Disponível em <<http://www.confibercom.org/anais2011/pdf/260.pdf>>. Acesso em 17 abr. 2014.

DAL BELLO, C. ROCHA, D.C. **A projeção do sujeito como objeto de desejo e de consumo nas redes sociais Digitais.** Abril 2012. Disponível em: <http://siepconsumo.com.br/2012/pdf/Sess%C3%A3o%20de%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20V/A%20projecao%20do%20sujeito%20como%20objeto%20de%20desejo.pdf>>. Acesso em 12 de abr de 2014.

DAL BELLO, C. **Visibilidade, vigilância, identidade e indexação: a questão da privacidade nas redes sociais digitais.** 18, nov. 2011. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/1261>. Acesso em: 15 fev. 2014.

DAL BELLO, C. **Cibercultura e Subjetividade: Uma investigação sobre a indetidade em plataformas virtuais de hiperespetacularização do eu.** Dissertação de mestrado, São Paulo, 2009. Disponível em <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=9410](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9410)>. Acesso em: 08 fev. 2014

DIAS, Cristiane; DO COUTO, Olivia Ferreira. **As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias.** Santa Catarina, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v11n3/a09v11n3.pdf>> Acesso em 12 abr 2014.

FRAGOSO, Suely. **Redes Sociais na Internet.** Recuero, Raquel. – Porto Alegre: Ed.Sulina, 2009. Pag 11-14.

GUIMARÃES, Talita Garcez. **O paradoxo da intimidade publicizada a visibilidade contemporânea no site de rede social facebook**. Dissertação (mestrado) – Universidade Nova de Lisboa, 2011. Disponível em: <<http://run.unl.pt/bitstream/10362/8107/1/talita.pdf>> Acesso em 13 de out. 2014.

IBOPE Mídia. “**Many to many**”: o fenômeno das redes sociais no Brasil. 4 nov. 2010. **Ibope**. Disponível em [http://www.ibope.com.br/maximidia2010/download/Redes\\_Sociais.pdf](http://www.ibope.com.br/maximidia2010/download/Redes_Sociais.pdf). Acesso em 11 jun. 2011.

IBOPE Mídia. **Número de usuários de redes sociais ultrapassa 46 milhões de brasileiros**. Mar/2013. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/numero-de-usuarios-de-redes-sociais-ultrapassa-46-milhoes-de-brasileiros.aspx>> acesso em 26 out 2014.

KARDOZO, Felipe Camilo Mesquita. **Confissões no Facebook: educação e subjetivação nas redes sociais**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6013/1/2013-DIS-FCMKARDOZO.pdf>. Acesso em 13 de out. 2014.

MARIGUELA, Adriana Duarte Bonini. DOSSIÊ Cuerpo, Lenguaje y Enseñanza Área Temática: Diferenças e Subjetividades em Educação. **ETD – Educação Temática Digital, Campinas**, v.8, n. esp., p. 227-249, jun. 2007 – ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/viewFile/1727/1570>>. Acesso em 15 Fev. 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 1999-2004.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <[http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html#\\_ftnref1](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html#_ftnref1)>. Acesso 16 fev. 2014.

MOZZATO, Anelise Rebelato. GRZYBOVSKI, Denize. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, Jul./Ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>> Acesso em 16 Fev 2014.

PRIMO, Alex . **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>> Acesso em 30 de mar. 2014.

ROSSETTO, Elisabeth; BRABO, Gabriela: A constituição do sujeito e a subjetividade a partir de Vygotsky: Algumas Reflexões. **Revista Travessias**. v. 3, n. 1 (2009) e-ISSN 1982-5935. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3238>>. Acesso em 24 mai. 2014

SANTANA, C. L. S. Redes Sociais na internet: potencializando interações sociais - 2007. **Hipertextus revista digital** (UFPE), 1, 25-33. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume1/ensaio-05-camila.pdf>. Acesso em 12 abr. 2014.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

SCHONS, Cláudio Henrique. RIBEIRO, Adriano Carlos. BATTISTI, Patrícia. **Educação a Distância: Web 2.0 na Construção do Conhecimento Coletivo**. Disponível em <[http://www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD\\_documentos/2184.pdf](http://www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD_documentos/2184.pdf)> Acesso em 26 de mar 2014.

TERTO, A. ALVES, C. ROCHA, J. PRATES, R. **Imagem e privacidade: contradições no Facebook**. IX Simpósio brasileiro sobre fatores humanos e sistemas computacionais. Disponível: [http://www.inf.puc-rio.br/~inf1403/docs/EC\\_Report\\_ihc2012.pdf#page=23](http://www.inf.puc-rio.br/~inf1403/docs/EC_Report_ihc2012.pdf#page=23). Acesso em 04 de out. de 2014.

TRIVIÑOS. Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987.

VICENTE, Cristiana de Brito. **Redes Sociais Online e Consumos Culturais: Facebook, um estudo de caso**. Dissertação de mestrado – ISCTE 2012. Disponível em <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/5158/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%2020Redes%20Sociais%20e%20Consumos%20Culturais.pdf> Acesso em 29 de mar. 2014.